

TODOS OS MUNDOS. UM SÓ RIO DE JANEIRO.

Pensando no Congresso Mundial de Arquitetura – “Todos os mundos. Um só mundo. Arquitetura 21” – que seria realizado em julho de 2020 no Rio de Janeiro, planejamos uma edição especial dedicada à arquitetura em que nomes consagrados na área foram convidados a falar sobre a cidade. Aos poucos, os artigos e as entrevistas foram chegando e esperávamos o momento de produção final e lançamento, quando no dia 11 de março de 2020 a OMS decretou a pandemia mundial causada por um vírus desconhecido: o novo Coronavírus.

Desde então, o mundo foi interrompido abruptamente e isolou-se em quarentena. Fronteiras foram fechadas, as primeiras mortes anunciadas e, de repente, as notícias passaram a ocupar parte importante de nossas vidas. Para alguns, ainda havia uma certa reconciliação com o tempo uma vez que, sem os ponteiros às pressas, poderíamos enfim nos dedicar à vida, e não apenas às burocracias do cotidiano, tão atreladas à demanda por produtividade. Mas o mundo seguia revirado, e nenhuma fresta de horizonte se anunciava.

No Brasil, a crise ganhou contornos dramáticos quando o Ministro da Saúde foi exonerado pelo Presidente da República por defender o isolamento social e por não avalizar a prescrição de uma substância sem eficácia comprovada para o tratamento da doença. A cada dia, mais gente era infectada, os hospitais em pane, e a classe médica se arriscando sem equipamento de proteção adequado. Milhares de mortes, não só em países como Equador e Perú, Espanha e Itália, mas também nos Estados Unidos – a maior potência do mundo, sem rumo.

Que sentido teria lançar uma edição da revista Ao Largo sobre arquitetura nesse clima, em meio ao caos instaurado? A princípio achamos temerário seguir com a publicação, mas enfim decidimos retomar o trabalho, reunir o corpo editorial e seguir com o projeto. Afinal, um dos princípios da arquitetura é o de dar forma e concretude ao espaço, trazer funcionalidade à desordem, a partir de uma demanda pessoal ou coletiva de transformação da paisagem.

Como então publicar uma edição da revista que refletisse, sob o imperativo de uma pandemia, a urgência de repensar a cidade e seus modos de habitação e circulação? De que maneira o adiamento de um evento com o qual a presente edição deveria estabelecer um diálogo, deslocaria as contribuições dos autores aqui reunidos? E como o trabalho editorial poderia ressignificar esta impossibilidade, ou ao menos, este adiamento?

Após meses de trabalho, a 10ª edição de *Ao Largo* chega ao público, dedicada à cidade do Rio de Janeiro, sua arquitetura e urbanismo. Todos os textos, entrevistas e artigos, apresentam uma perspectiva histórica da construção da cidade, além de fornecer detalhes sobre a formação do seu tecido urbano desde o século XIX. A maioria dos colaboradores pertence a uma mesma geração, dedicaram e dedicam suas vidas a pensar o Rio de Janeiro, cidade cujas mazelas convivem com uma paisagem exuberante, da qual, como diz Ernani Freire, 'não se deve perder nada'. A importância arquitetônica do Rio é reconhecida mundialmente e não à toa a cidade foi escolhida para sediar o Congresso Mundial de Arquitetura, adiado para 2021. As reflexões dessa edição iluminam os contrastes entre a recorrente falta de planejamento, o inconcebível descuido com a educação, a cultura e a saúde, e o espanto inevitável diante da beleza natural da cidade.

O ensaio fotográfico de Luiz Baltar que encerra a edição, apresenta de forma contundente e poética o atrito entre as questões sociais e políticas que nos atravessam há décadas e uma inabalável esperança por dias melhores, que está na raiz mesma do espírito carioca. Nos lembra que nenhuma solução pode ser encontrada sem levar em consideração os graves impasses que a cidade enfrenta desde sua fundação. De que forma a arquitetura e o urbanismo podem atenuar nossos paradoxos e desigualdades? De que maneira ela os intensifica? Esperamos que a presente edição seja um convite ao leitor para elaborar estas perguntas.